

# Irmãos de arma, irmãos de vida: reflexões e diálogos sobre a família militar na Marinha do Brasil

NÁDIA XAVIER MOREIRA  
SABRINA CELESTINO  
VIVIANE MACHADO CAMINHA

**RESUMO:** As relações sociais e os laços de pertencimento construídos pelos militares, a luz da categoria família, tem-se constituído objeto de reflexão na contemporaneidade. Tendo por base pesquisa de caráter sócio etnográfico e como referência a expressão “família militar”, o presente artigo analisa a forja de laços sedimentados pelas circunstâncias adversas vivenciadas por esses sujeitos advindas das movimentações pelo território nacional e pelo afastamento do convívio com a família de origem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Família Militar. Pertencimento. Movimentação. Marinha do Brasil.



## Brothers in arms, brothers in life: reflections and dialogues about the military family in the Brazilian Navy

---

### NÁDIA XAVIER MOREIRA

Pós-doutorado em Antropologia Social pelo Museu Nacional (UFRJ). Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutoranda em Antropologia Social (UNB). Professora/Pesquisadora da Escola Superior de Defesa (ESG). E-mail: nadiaxmoreira@yahoo.com.br

---

### SABRINA CELESTINO

Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora Adjunta (docente e pesquisadora) do Centro da Capacitação Física do Exército. E-mail: anirbasuff@hotmail.com

---

### VIVIANE MACHADO CAMINHA

Doutora em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia (HCTE) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Adjunta (docente e pesquisadora) na Escola Superior de Defesa (ESD). E-mail: vivianecaminha@gmail.com

**ABSTRACT:** The social relationships and the bonds of belonging built by the military, in the light of the family category, have been an object of reflection in contemporary times. Based on research of an ethnographic socio-character and taking as reference the term “military family”, this article analyzes the forging of bonds sedimented by the adverse circumstances experienced by these subjects from the movements throughout the national territory and by the distancing from living with their family of origin.

**KEYWORDS:** Military Family. Belonging. Movement. Brazilian Navy.

---

RECEBIDO: 09/02/2022

APROVADO: 06/07/2022

## 1 Introdução

O presente artigo analisa as relações sociais e os laços de pertencimento construídos pelos militares, a luz da categoria família, tomando como referência a expressão “família militar”.

Como campo de análise para o estudo, elegemos o âmbito da Marinha do Brasil e como público-alvo, os militares praças e seus dependentes.<sup>1</sup> Escolhemos a referida Força Armada frente à evidência de que os estudos sobre o contexto de vida e sociabilidade de militares no Brasil debruçam-se, fortemente, sobre a realidade dos militares do Exército Brasileiro (EB) e apesar de identificar semelhanças na cultura e nas relações sociais estabelecidas nas instituições castrenses é possível ressaltar particularidades próprias de cada Força Singular.

Em se tratando da Marinha do Brasil (MB) é possível reportar como condição peculiar, o padrão relacional cultuado no contexto institucional, em meio ao qual, as fronteiras das patentes e graduações são bem evidentes e definem formas de sociabilidade e interrelações entre os militares e seus dependentes. Aliado a isso, é possível destacar a forma de estruturação territorial da Força Naval, que tem suas Organizações Militares sediadas, em sua maioria na cidade do Rio de Janeiro, empregando maior interstício na permanência dos militares nessa metrópole, via de regra, em proximidade com a família de origem.

A amostra para esta pesquisa de caráter socioetnográfico é composta de sete grupos familiares sediados no Distrito Federal. Como instrumento para coleta de dados, nos valem de entrevistas semiestruturadas direcionadas por roteiro previamente elaborado, realizadas em dezembro de 2020. Dos depoimentos prestados pelos militares e dependentes é possível concluir que, o contexto institucional e as demandas impostas pela carreira referem, circunstâncias que conferem coesão e laços entre esses sujeitos, forjando o sentido de “ser família”, “a Família Naval”, conforme referido no campo pesquisado.

Identificamos assim que os laços que sustentam a chamada Família Naval, não são estruturados necessariamente pela consanguinidade, apesar de identificar que a tradição familiar ainda é

---

1 Os militares praças integram os estratos menos graduados das instituições militares. Essa categoria congrega as graduações de soldados a suboficiais.

elemento perene para a escolha da carreira militar. No entanto, os dados da pesquisa apontam para o fato de que a convivência, a ajuda mútua partilhada e os laços sociais de parentesco são estabelecidos frente às requisições impostas pela “vida a bordo” pautadas, via de regra, pela necessidade de movimentações constantes e pelas ausências de convívio com o núcleo familiar, considerando a rotina institucional.

## **2 Família: grupo com quem se pode contar**

A gente tem esse sentimento: vamos nos proteger, vamos nos cuidar, porque a gente tem um sentimento de que todos somos uma mesma família, a família naval [...]. Uma família que entra aqui, seja filho do marinheiro, do cabo, filho do almirante, vai ter o mesmo tratamento, [...], afinal todo mundo está no mesmo barco, somos todos companheiros, [...] e nós estamos juntos nesta missão. (Comandante Quitéria, médica de uma unidade de saúde da Marinha).

Auditório de uma organização militar em Brasília; militares e familiares reunidos para mais uma cerimônia de despedida de um oficial do serviço ativo. O evento tem dois momentos marcantes: o primeiro, no qual um militar com proximidade afetiva com o homenageado resgata sua trajetória profissional, com conquistas e exemplos; o segundo, dedicado ao discurso de adeus do oficial. Nessa ocasião, as memórias evocadas vão desde os sacrifícios pessoais advindos de requisições da carreira, mas, sobretudo, da satisfação pelo sentimento do cumprimento do dever: “Combati o bom combate, acabei a corrida, guardei a fé” (BÍBLIA, 2 Timóteo, 4, 7), frase de São Paulo que é recorrentemente citada nessa hora.

No êxito dessa caminhada, ganha destaque na fala do oficial o papel assumido pela família e pelos amigos que conquistou no decorrer da profissão. Esses últimos, recorrentemente, são chamados mais do que amigos, mas como irmão de armas e de vida, posto estarem juntos e desenvolverem laços desde os tempos do curso de formação, ainda muito jovens na escola preparatória.

A exposição de um vídeo com depoimentos de familiares do oficial que se despede reforça a narrativa da missão concluída, do orgulho de ter contribuído para carreira que se encerra e de fazer

parte da “grande família militar”. No caso específico dos amigos, as falas destacam o reconhecimento das qualidades pessoais e profissionais do militar, mas sobretudo, a relação de camaradagem e de afeto construída na labuta da caserna.

Tais depoimentos ratificam o discurso de amigos militares como a família conquistada e que carregam ao longo da vida, cujas relações transcendem os muros dos quartéis e invadem a esfera da intimidade, abarcando cônjuges e filhos. “Irmão por escolha”, “companheiros de turma, de arma e de vida” são frases proferidas no vídeo por familiares e amigos e citadas no próprio discurso de despedida do oficial que sugerem uma ideia de família formada fora dos vínculos biológicos ou legais.

O fato narrado acima e a experiência e trajetória de estudo e pesquisa obtida em instituições vinculadas as Forças Armadas nacionais são aliadas, no presente estudo, as narrativas de militares, e seus dependentes, obtidas na pesquisa desenvolvida em 2020, que teve por objetivo conhecer os principais impactos ocasionados pelo processo de movimentações (transferências) na vida familiar de um grupo de militares da MB. Os resultados desse estudo indicaram que componentes presentes na carreira das armas estendem-se para além das fronteiras profissionais e reverberam nas dinâmicas e na conformação familiares dos agentes desse campo.

Conforme indicado nos estudos de Castro (2018), Adão (2018), Monnerat (2015) e Chinelli (2008), a “Família Militar” é um termo nativo que tanto se refere a uma autorrepresentação da instituição com seus membros, quanto a um universo de relações construído nas situações adversas pelos membros da instituição, notadamente, no cotidiano das requisições e constrangimentos profissionais da carreira, os quais findam por promover também formas alternativas de se fazer família, amparadas na partilha da vida cotidiana, na ajuda mútua, nos vínculos de amizades, incluindo-se igualmente, seus cônjuges e filhos:

Olha, se não fosse aqui as pessoas do prédio, eu estaria muito mal porque eu não teria amigos [...] meus amigos eu deixei no Rio. As pessoas aqui em Brasília são muito frias [...] então se não fosse as outras esposas, eu estaria ferrada. (Entrevistada M).

O fragmento disposto acima integra o depoimento prestado pela esposa de um sargento da MB, sendo a família integrada pelos cônjuges e por uma filha. Esses residem em um edifício de apartamentos funcionais para militares da MB em Brasília. O casal é natural do Rio de Janeiro e mudou-se para capital federal há 7 anos por exigência da carreira do militar. Na capital fluminense a esposa contava com uma rede de apoio familiar formada por seus pais e irmãs, “um quintal, seis casas no quintal, tudo família [...] minha irmã mora em frente, a outra em um bairro próximo e meu irmão também. Todo final de semana ficava todo mundo junto” (Entrevistada M).

A ida para o Planalto Central significou para a esposa do militar, o distanciamento de sua família de origem com um grande sofrimento daí decorrente:

[...] nunca desgrudei da minha família... Meu pai nunca permitiu viajar, nem dormir fora.... Então eu não tinha vínculo nenhum fora dos meus pais...era tudo muito sofrido!”, como também o pedido de demissão de 3 empregos no Rio de Janeiro como enfermeira: “Aí quando cheguei aqui meu chão caiu... Queria voltar.... Não tinha emprego, um desespero! [...]. Perdi tudo... E eu não podia ligar para minha mãe, para ela não perceber como eu estava. (Entrevistada M).

A necessidade de lidar com situações de incertezas futuras, ao mesmo tempo em que procurava manter a vida no presente em um contexto desconhecido, foram marcas desse período:

E agora? Como é que eu vou para um lugar sem apoio algum? Parar de trabalhar? Eu trabalho desde 17 anos! Será que eu vou conseguir emprego? E se eu ficar doente? Quem vai cuidar de mim? [...] Tendo ainda que manter meu casamento. (Entrevistada M).

Em meio a esse contexto foi apresentada à esposa do militar, a sargento Rosa, chefe do seu esposo, a qual passou a apoiá-la nesse momento de adaptação:

Olha, ela me acolheu literalmente, não sei o que seria de mim sem ela! Ela deu todo apoio para mim...eu tenho nela hoje mais que uma amiga, assim... como uma irmã, sabe? (Entrevistada M).

O contexto acima aludido expressa o que podemos localizar como particularidade da MB. Devido ao fato do ingresso na instituição e na carreira militar ter sido facultado às mulheres, desde final da década de 1980, a prestação de auxílio referida no depoimento aponta, como principal agente, uma militar de carreira em posição de chefia ao marido militar.

Os estudos sobre a família militar brasileira ilustrados, sobretudo na realidade do Exército, reportam geralmente à coesão e à ajuda mútua estruturada entre as esposas de militares e ainda que essas possam ser profissionais militares, fato cada vez mais comum, sobretudo a partir dos anos de 1990, o lugar evidenciado é recorrentemente o de esposa, ao contrário da posição de chefia destacada na narrativa acima.

Outro fator expresso que se pode destacar no depoimento acima aludido, que ilustra a particularidade das relações sociais na Força Naval corresponde, a um certo padrão relacional, o qual na MB ainda está profundamente fundamentado pelos postos e graduações de correspondência dos militares. Ou seja, muito comumente as relações de proximidade e convívio social correspondem, de forma mais evidente, as fronteiras que separam praças e oficiais.

Sendo assim, podemos compreender que, frente à ausência dos tradicionais suportes dos laços de sangue, a “chefe militar” ofereceu substituto para esses, tornando-se para a entrevistada irmã por escolha. Ademais, os próprios amigos militares do esposo com seus familiares passaram a compor essa família:

Amigos que ele vinha carregando há muitos anos, aí as famílias começam a interagir. [...]. Aí você consegue gerir melhor isso... tanto que têm amigos de quase 20 anos, que é o tempo de carreira dele, que hoje minha família é como se fosse eles também! (Entrevistada M).

De algum modo, todos os militares estão sujeitos a determinadas contingências profissionais, cujos efeitos impactam de forma significativa no cotidiano de suas vidas e de seus familiares. Portanto, podemos também pensar na família militar como resultado de uma produção em torno das vivências de experiências comuns, “enquanto um processo construído cotidianamente e no qual as pessoas próximas tornam-se mutuamente implicadas” (LOBO, 2020, p. 303).

A construção de laços é sedimentada pelo caráter de identificação e de aglutinação fundamentados pela coesão que os processos institucionais ofertam aos indivíduos e famílias. A moradia nos Próprios Nacionais Residenciais (PNR) localizados próximos e/ou no território das Organizações Militares, a matrícula dos filhos nos Colégios Militares, a utilização dos estabelecimentos que compõem um sistema de saúde próprio, o lazer compartilhado nos Clubes Militares e a participação constante nas atividades sociais dos quartéis estruturam uma vida totalizante extremamente vinculada ao contexto institucional.

Destarte, fazendo parte de um mesmo grupo, as famílias de militares esperam que tanto a instituição quanto os seus agentes socorram-se mutuamente nas ocasiões difíceis. Estas situações podem se tornar recorrentes e ganhar contorno mais complexo em virtude das próprias exigências da profissão, notadamente o fato da permanente disponibilidade que devem ter os militares para o serviço, tanto em termos temporais, como em termos de mobilidade territorial.

Compreendemos assim, a exemplo do que destaca Sarti (2010, p. 33), que na conjugação da família militar com destaque á família naval, sua delimitação não se vincula apenas à pertinência a um grupo genealógico; “são da família aqueles com quem se pode contar, aqueles em quem se pode confiar”.

### **3 Diálogos e discursos sobre o ser família na Marinha do Brasil**

Quanto ao tipo, configuramos esta pesquisa como sendo de caráter qualitativo, valorizando a produção de sentidos compartilhada pelos sujeitos. Quanto ao instrumento de coleta dados, utilizamos entrevistas semiestruturadas, realizadas com militares praças e dependentes vinculados a Marinha do Brasil, sediados no Distrito Federal. Valemo-nos de roteiro previamente elaborado, embora o instrumento permitisse a livre manifestação dos sujeitos para além das perguntas diretas.

Quanto aos sujeitos da investigação, foram convidados a participar da pesquisa militares da Força Naval, do ciclo de oficiais e praças e seus respectivos cônjuges com vivências diversas em torno do processo de movimentação. Fora reforçado que o caráter

de participação era de cunho voluntário e a partir da expressão do desejo foi possível estruturar a amostra que englobava casais em diferentes ciclos de vida, desde esposos jovens que passavam pela primeira transferência a pares que experimentavam a décima movimentação. Todos com filhos em faixas etárias bastante disparres (entre 03 e 29 anos) que com eles ainda residiam. Como critérios principais de inclusão para a composição da amostra, elegemos a vinculação ao local de sedimento e a referência ao posto, totalizando ao final do estudo sete militares e famílias.

Como aporte teórico que fundamentou a execução do processo de investigação, utilizamos a metodologia da história oral, por meio da qual valorizamos prioritariamente a biografia dos sujeitos participantes, intencionando apreender as mediações entre as trajetórias individuais e os processos coletivos mais amplos relacionados, no contexto aqui ilustrado, a particularidades da Força Naval.<sup>2</sup>

Nesse sentido, homens e mulheres reunidos em grupos familiares proporcionaram, por meio dos depoimentos concedidos, ir além da compreensão fenomênica de cunho testemunhal sobre a família militar (MEIHY, 2006) como perspectiva culturalista que necessita ser superada, cedendo espaço para que a história oral seja compreendida como ação transformadora, assumindo o “compromisso com o social como princípio meio e fim” (MEIHY, 2006, p. 195). Importa destacarmos que, para o autor, os novos rumos da pesquisa em história oral no Brasil relacionam-se com a intenção de transcender a perspectiva do, por vezes ingênuo, acesso ao conhecimento, a partir da identificação de sua finalidade enquanto recurso e fator de transformação, colocando-a como alternativa respeitável de saber social. E que “[...] excita a imaginação daqueles que vêm mais uma dimensão nos deveres universitários de pensar a sociedade: a contribuição para políticas públicas instruídas” (MEIHY, 2006, p. 194).

No rastro das antigas rotas para definir os novos rumos da pesquisa com a narrativa oral, ressaltando o compromisso em pensar a sociedade e os projetos de melhoria da vida coletiva, fica

---

2 Segundo Meihy (2005), a história oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e grupos. Ela é sempre uma “história do tempo presente” (MEIHY, 2005, p. 17) e é também reconhecida como uma história viva.



evidenciado o caráter cidadão da história oral em posição diametralmente oposta a uma perspectiva missionária, tradicionalmente compreendida como memórias em disputa, conforme os pressupostos definidos por Michael Pollak (1989).

A partir disso, e como elemento fundamental para o distanciamento de uma proposta simultaneamente pobre e vulgar, o autor sinaliza para a diligente superação do processo de hierarquização/verticalização de memórias, tendo em vista não proporcionar espaço para o debate dentro dos grupos de oposição. Como questão de fundo no apontamento de novos percursos para a história oral aparece, como ação proveitosa e mais produtiva, a noção de paralelização de memórias, de modo a iluminar as oposições dentro de um mesmo grupo, formulando um espaço de debate que exalta as diferenças. Por fim, sobrepujando a noção reducionista de “encaixe do depoimento” como uma forma de enquadramento da memória, nessa perspectiva a história oral aparece como mediadora de causas, não cabendo a ela verificar “[...] a posição de memórias concorrentes e sim de argumentos que se opõem em busca de um diálogo” (MEIHY, 2006, p. 199).

Para a compreensão do “ser família” na Marinha do Brasil, apropriamo-nos da noção proposta por Sarti (2004, p. 13) quando a autora destaca a possibilidade de pensar a noção de família como uma categoria nativa “de acordo com o sentido a ela atribuído por quem a vive, considerando-o como um ponto de vista.”

A participação dos sujeitos foi efetivada mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE),<sup>3</sup> documento que informava aos participantes sobre os objetivos e preceitos éticos da pesquisa e buscava resguardar sua integridade, sendo esse procedimento uma exigência em se tratando de pesquisa com seres humanos.

---

3 Os depoimentos retratados no presente estudo integram o processo de investigação iniciado no ano de 2013, com a pesquisa vinculada ao Certificado de Apresentação Ética (CAAE) 22353713.4.0000.5256, sob parecer nº 454.925. Esta sistemática encontra-se presente igualmente, na proposta de pesquisa de 2021 vinculada, ao CAAE 48067021.9.0000.9433, de parecer nº 5.078.226. A pesquisa específica sobre famílias militares iniciada em 2020, para ser submetida a Comitê de Ética aguarda processo de certificação da Escola Superior de Defesa (ESD) como Instituição Superior de Ensino, junto aos órgãos que regulam o ensino e a pesquisa no território nacional.

O diálogo diretivo com os participantes foi realizado em data previamente agendada, tendo como cenário sua Organização Militar de vinculação e/ou recursos de comunicação digital, necessários, sobretudo dado aos efeitos da pandemia de Covid-19. As entrevistas foram gravadas na modalidade de áudio, sendo posteriormente transcritas na íntegra. Analisamos o conteúdo produzido utilizando descritores, a fim de agrupar as informações prestadas.<sup>4</sup> Sendo assim, para o presente estudo elegemos como conteúdo a ser partilhado o disposto frente ao descritor família.

A interlocução com o sentido de ser família naval foi realizada, conforme destacamos anteriormente, tendo por referência as circunstâncias adversas vivenciadas pelos militares e dependentes como consequência da particularidade da carreira militar, sobretudo no que se refere ao afastamento da família de origem demandado pelos processos de movimentação.

Nesta circunstância, o depoimento do entrevistado B deixa claro os desafios das movimentações fora de sede, ou seja, fora do Rio de Janeiro, estado no qual estão presentes a maior parte das Organizações Militares vinculadas a Marinha do Brasil:

Falei que considerando não ter as nossas famílias para ajudar a gente em qualquer eventualidade, embarcar vai ser difícil, porque quando você embarca fora do Rio, você viaja muito mais do que no Rio. Ela ia ficar sozinha a maior parte do tempo. Aí eu falei: As opções que a gente tem é São Paulo e Brasília. São Paulo, o pessoal que já serviu lá não gosta muito não... Brasília eu só escuto elogios, então vamos pra Brasília. Aí coloquei nas opções lá primeira como Brasília, fui atendido... Mas eu já sabia que seria fora de sede. A gente só tentou escolher ali e deu certo. (Entrevistado B).

Para além dos desafios, o profissional militar reporta também em sua fala, as estratégias individuais colocadas em prática, tendo em vista conjugar o atendimento às imposições da carreira, mas

---

4 Para a análise de conteúdo, destacamos os seguintes descritores: "Impacto para o Casamento/Vida Familiar", "Processo de adaptação decorrente da Movimentação, Estratégias para reduzir o impacto da Movimentação", "Rede de Apoio", "Pontos positivos da Movimentação" e "Pontos negativos da Movimentação".

igualmente a tentativa de garantir o bem-estar da família para o qual, o local de moradia é visto como promotor de rebatimentos consideráveis. Nesse sentido, quando perguntado sobre o processo de adaptação ao chegar no Distrito Federal, o referido entrevistado ressaltou que:

Pra ela foi bem complicado no início, a gente com o treinamento militar se adapta a qualquer situação a qualquer lugar, mas a gente sabe que pra família não é bem assim que funciona. Ela se viu de repente sozinha em casa, num lugar que ela não conhecia ninguém, isolada de tudo e sem trabalho de início. Quando bateu quase um mês, começou a entrar em depressão, chorando todo dia, "eu não aguento mais ficar sozinha quero meus amigos, minha família e tal". Por mais que ela fosse mente aberta desde o início, a realidade quando bate é bem diferente... aí eu falei calma filha... fui conversando com ela e tal, quando você conseguir ter uma base você vai ver que as coisas vão mudar, você vai conviver com outras pessoas e tal... Depois de uns dois meses, dois meses e meio, ela conseguiu trabalho. Aí com uma semana de trabalho ela já tava com a cabeça completamente diferente, tava sorridente... Não falei pra você? Era tudo questão de se adaptar, as coisas se engrenarem, a partir dali as coisas começaram a fluir com mais tranquilidade. (Entrevistado B).

A realidade ilustrada pelo entrevistado retrata as circunstâncias que rebatem de forma preponderante, nos dependentes dos militares, sobretudo nas esposas, as quais apesar de não possuírem vínculos formais com a instituição militar corroboram, a um pacto de adequação aos preceitos demandados por essa entre esses, as movimentações constantes, vivenciando assim, as circunstâncias desse processo, conforme destacado abaixo pela esposa de um militar.

Vocês moraram onde?  
Em Santa Maria aí viemos... foi bem difícil, eu vim chorando a viagem toda, minha vó deu até planta pra eu vir dentro do carro, a primeira neta, a primeira sobrinha saindo de casa... cai o mundo de todo mundo né. E o meu pai falando que era um absurdo. Como ele não estudou pra ficar no Rio? Até hoje ele

culpa meu marido... pegamos estrada, viemos com as coisas no carro, a mudança ia chegar um mês depois e nos desfizemos de tudo... tudo... tudo... viemos com básico Quando a gente chegou aqui, achei que a gente ia ser uma fraude morando dentro do carro..., Mas graças a Deus, Deus é muito bom, enviaram uma família maravilhosa, estavam esperando a gente Tinha um contrato direitinho Aí ficamos morando só com um forminho Vivendo de galão de água e comida de fora porque a mudança atrasou Aí logo depois eu fiquei meio depressiva, porque ele já tava chegando pra trabalhar e eu ficava sozinha Aí meu chão caiu Queria voltar . Não tinha emprego, um desespero E a gente morava na frente da BR, é um lugar que eu não tinha nada Eu tenho pânico de dirigir, então eu não saía (Entrevistada M).

As circunstâncias adversas vivenciadas são atenuadas, segundo os entrevistados, dado aos laços e ajuda mútua estabelecidos entre as famílias que forjam o sentido de ser família naval, tendo por instrumento fortalecedor, os processos e encontros vivenciados ao longo da carreira.

Além dessa família tinha uns amigos de turma do F, um casal que morava em Belém que encontramos aqui, e outro casal que conheci o marido quando a gente namorava, que encontrou aqui aí ficou um grupo grande... A gente se encontrava num final de semana, "varandinha" o nome dos encontros e as crianças tinham esse outro grupo (Entrevistada L).

A ajuda mútua é o elo que sedimenta o sentido de "ter com quem contar", sobretudo em situações de solidão e adversidade, que não raras às vezes são retratados pelos agravos de saúde dos filhos:

Porque aqui todo mundo é sozinho, a maioria tem família aqui em Brasília, então assim, graças a Deus posso contar no desespero, quando ela passa mal ou eu passo mal (...) Uma vez né, 2 anos atrás ela passou mal Com uma gastroenterite, começou de manhã falando que tava com dor de barriga e eu achando que era brincadeira de criança, preguiça né Peguei ela e botei pra escovar o

dente, quando eu peguei, ela já desmaiou, aí nisso eu já botei na cama, ela vomitou meu quarto inteiro... Ele de serviço Primeiro interfonei para minha vizinha até porque, além de tudo, são todas enfermeiras praticamente aí a outra já interfonou pra outra pra pegar o carro, porque não ia dar tempo... Essa menina... Ela desidratou em 3 horas... muito rápido. Os lábios ficaram bem pálidos. Ele conseguiu chegar pra vir socorrer, mas já tava todo mundo a posto pra socorrer... uma amiga ela sofre de depressão então tem sempre que tá muito atento a ela. E o esposo dela viaja muito. Que ele é da capitania... na madrugada interfonam, levam pro Naval... A gente pode contar muito, muito... (Entrevistada M).

A rede de solidariedade se forma, segundo os participantes da pesquisa, devido ao fato de "estar todo mundo no mesmo barco", expressão utilizada para referir a realidade comum vivenciada pelos integrantes, genuínos e agregados da Força Naval:

Todo mundo no mesmo barco... muitos aqui já viveram 2 ou 3 fora de sede. Já serviram Manaus, Belém. Onde realmente. Nesses locais, a família naval, se torna o núcleo de conexões... A falta de opção cria o vínculo então assim, caso não tiver um membro da família da minha esposa aqui, as pessoas no prédio aqui. Com certeza dariam assistência, já falaram mais uma vez... existe um vínculo, uma camaradagem, nesse sentido... (Entrevistado V).

#### **4 A família naval: aportes sobre a construção de laços familiares na Marinha do Brasil**

Dados do Anuário Estatístico da Marinha referentes a 2019 (MB, 2020), apontaram que, dos 76.699 militares da ativa existentes na instituição naquele ano, 6837 foram movimentados no período para diferentes localidades geográficas no Brasil e no exterior, equivalendo a aproximadamente 8,9% do efetivo da força<sup>5</sup>. Nesta perspectiva, tomando como parâmetro o número de

---

<sup>5</sup> Optamos por utilizar o referido documento dado o caráter diferenciado que os procedimentos de movimentação podem ter assumido nos anos sob vigência da pandemia de Covid-19, quais sejam: os anos de 2020 e 2021.

dependentes declarados de militares da ativa da MB em 2019 (113.749) e o percentual de movimentações no ano em referência (8,9%), podemos estimar em, aproximadamente, 10.123 pessoas sendo também movimentadas com o militar<sup>6</sup>.

No Brasil, país de dimensões continentais, as movimentações de profissionais militares das Forças Armadas cumprem a função de ocupação e espraiamento da ação de defesa, tendo em vista a manutenção da soberania nacional. Em se tratando da Marinha do Brasil, o sedimento de suas Organizações Militares ocorre, em grande medida, nas cidades costeiras obedecendo assim a sua função e atividade fim relacionada ao emprego da defesa por meio do Poder Naval.

Sendo assim, as movimentações, mais do que uma rotina administrativa presente na carreira dos profissionais das Forças Armadas (FA), constituem-se em eventos significativos, não somente para os militares, mas para um considerável número de pessoas a eles ligadas por vínculos econômicos e afetivos. Nesta circunstância, no que concerne a MB, as transferências dos militares e familiares para além de buscar atender as demandas institucionais, via de regra alheias as vontades e desejos dos sujeitos, ocorrem pelo período de dois anos ou mais e nem sempre em cidades localizadas nas metrópoles dos estados, podendo ainda se realizar em territórios distantes como, por exemplo, o município de Ladário, situado na região pantaneira do estado do Mato Grosso do Sul, na fronteira com a Bolívia.

Trata-se, portanto, de um importante fenômeno que, embora faça parte da rotina dos militares, suas implicações reverberam nas dinâmicas familiares desses profissionais:

[...] mudando-se constantemente, em alguns casos mais de uma vez ao ano, e impedidas de estabelecerem laços de solidariedade mais duradouros nas localidades onde residem, as famílias buscam apoio em outras famílias compostas por militares e que compartilham

---

<sup>6</sup> No caso da França, a taxa de mobilidade de oficiais do Exército, em 2006, era de 17, 8% ao passo que, para funcionários públicos, era de 6%. Logo, a mobilidade dos militares era quase três vezes maior do que a dos civis naquele país (BELGHITI-MAHUT, 2015).

a mesma situação. Esta união passa a compor a chamada “Família Militar”, uma rede de apoio e solidariedade (ADÃO, 2018, p 129).

Em pesquisa desenvolvida junto às esposas de militares do EB, Chinelli (2018) apontou que o distanciamento da família de origem e todas as dificuldades vivenciadas de adaptação a uma nova realidade promovem, junto a essas mulheres, um sentimento de união e solidariedade, fazendo com que se voltem para as demais famílias que residem nas vilas ou prédios militares:

A minha família está aqui dentro [...] nós somos muito apegados a amigos. [...] porque a gente passa a maior parte das nossas vidas em contato com esses amigos, e não com o mundo familiar. [...]. Então o que a gente faz? A gente se ajuda. Uma depende da outra. (Entrevistada M).

A fala da esposa remete ao processo proposto por Carsten (2014) de “espessamento” ou “diluição” de parentesco, o qual, no caso específico da família militar, comparece e é fundamental nas formas de se fazer família nesse universo. Para a autora, em diálogo com Sahllins (2013), o parentesco é feito e dissolvido ao longo do tempo sobre gradações e diferentes substâncias, o que significa dizer que as relações entre parentes, a depender de contextos e situações particulares, podem ser de proximidade ou distanciamento. “Assim, por exemplo, regras de residência – em especial após o casamento – podem, sem dissolver laços de nascimento, levar a uma “diluição” dos laços dos filhos adultos que se afastam da casa” (CARSTEN, 2014, p. 106).

Nas circunstâncias aludidas acima, podemos compreender que, aos militares do sexo masculino, o afastamento da família de origem é não só esperado, como também reconhecido. O afastamento de militares do sexo masculino se constitui como uma deferência à sua competência, uma vez que as transferências são compreendidas como “premiações” pelos bons serviços prestados. Contudo, o mesmo processo é dotado de pesar por suas esposas, que deixam as famílias de origem, principalmente os pais, cujos cuidados são socialmente atribuídos a elas. Tal fato pode ser identificado como um aspecto relevante das relações adversas vivenciadas pelos cônjuges de militares, sobretudo suas esposas.

A investigação desenvolvida aponta para o fato de que essas, as esposas, são as que de forma mais evidente são atingidas pelos rebatimentos das trajetórias de vida e carreira militar, sem terem realizado essa escolha profissionalmente, mas tendo pactuado-as através do matrimônio. Nesta seara, podemos também apontar, conforme já ressaltado por Adão (2018) e reforçado nos dados da presente elaboração, que o aspecto profissional das esposas dos militares é rebatido pelo acordo inscrito no seu aceite ao compor a família militar.

No caso da família militar, conforme Molina (2006), Silva (2013) e Atassio (2012), seus membros também são escolhidos casualmente: militares cujo pai também exercia tal profissão, esposas filhas de militares, filhos amigos entre si, recrutamento de pessoas para serviços no interior do próprio grupo, evidenciando o forte componente endógeno na sua formatação. A fala da entrevistada é ilustrativa desse processo:

Com o nascimento da nossa filha, a gente começou a pagar uma senhora aqui do prédio, que o genro é da Marinha, já era de nosso conhecimento e de confiança, para poder tomar conta dela enquanto a gente trabalha, porque creche pública não tem vaga e a particular é muito cara! (Entrevistada M).

Essa endogenia pode ser compreendida pelas formas de socialização que se verificam entre o ambiente do quartel e as famílias de militares, isto é, pela inserção destas últimas numa rede de sociabilidade específica, possibilitada ou mesmo imposta pela profissão militar, que as identificam com o mundo da caserna. Nessa linha de pensamento, estudos desenvolvidos por Santos (2018) e Silva e Costa (2018) apontam que a instituição militar, ainda que de modo velado, define papéis e obrigações para a família de seus integrantes, o que finda por ocasionar uma “militarização” dos cônjuges e filhos. Tal fato levou Silva (2013, p. 869) a afirmar que “fazer parte do mundo militar [...] implica incorporar nas famílias um estilo de vida marcado por valores e comportamentos imprescindíveis aos militares”. Esse aspecto requer dos arranjos familiares, de algum modo, que acatem e se adequem às decisões da instituição, conforme podemos identificar no discurso reverberado pela entrevistada, quando afirma que “acaba que a



gente, quando é casado com militar, a gente absorve muito a vida militar [...]. Eu não tô trabalhando na Marinha, mas a gente vive tudo isso”. (Entrevistada M).

Sendo assim, é possível identificar que as próprias dinâmicas de constituição da “família que escolhemos” no contexto militar informam mais sobre uma linguagem que reporta mais aos sentimentos do que as relações de parentesco “propriamente ditas”.<sup>77</sup> E, nesse sentido, podemos compreender como pertinente a apropriação da categoria *relatedness*, proposta por Carsten (2000), como alternativa ao parentesco relacionada “para descrever o sentimento de ‘solidariedade difusa e duradoura’ que existe nas mais diversas culturas entre pessoas que se consideram parentes” (FONSECA, 2008, p. 769). Encontramos algo semelhante durante nossas entrevistas:

A gente compartilha muito, por exemplo: uma amiga aqui do prédio, ela sofre de depressão, então a gente tem sempre que está muito atento a ela... E o esposo dela viaja muito... Que ele é da Capitania dos Portos. Na madrugada, interfonam quando ela não está bem, e sempre um de nós leva ela para o Hospital Naval, cuida dos filhos dela ... A gente pode contar muito, muito mesmo um com o outro, coisa de família. Se não fosse assim, a gente estava frito! (Entrevistada M).

Rompendo com uma perspectiva biologizante na constituição do parentesco e dialogando com a crítica de Schneider (1972), o termo *relatedness* ganha importância “metodológica às dimensões do cotidiano (comensalidade, troca de nomes, amizade etc.) na produção de laços de parentesco” (MURILLO, 2016, [s.p.]).<sup>8</sup> Pois,

---

7 Os estudos de parentesco foram guiados pela premissa de que correspondia ao cerne das “sociedades primitivas”. Tomava-se, assim, o parentesco como o plano privilegiado de inteligibilidade, descrição, comparabilidade e totalização da organização social. No interior desse processo, a relação entre sistema terminológico e domínio de estrutura recobriu um conjunto de preocupações e polêmicas na Antropologia. Ver Kroeber (1969 [1909]), Rivers (1991) e Radcliffe- Brown (1978).

8 Schneider (1972) encetou severa crítica aos estudos de parentesco, ao sinalizar que “parentesco” se trata de uma categoria inventada pelos antropólogos para analisar sociedades não-ocidentais, utilizando ferramentas analíticas de contextos ocidentais. Dessa forma, ele ressaltou a necessidade de buscar conceitos oriundos da realidade específica de cada sociedade com vistas a interpretar as relações estabelecidas entre as pessoas.

como bem expressa Carsten (2000, p. 10) “fatos do parentesco podem ser observados simultaneamente como parte da natureza e parte da cultura”.

Se até aqui foi possível relacionar o sentimento de “ser família” partilhado pelos militares e seus dependentes é importante salientar também, que a coesão, identificação, o sentido e o pertencimento a família naval, também são cultuados do ponto de vista institucional.

Convencional e culturalmente, as Forças Armadas, e entre essas a Marinha do Brasil, adotam um sistema simbólico e relacional denominado *apadrinhamento*, o qual refere-se ao trato e à ambientação dos militares (junto com suas famílias) às dinâmicas, rotinas e adaptações, sobretudo quando das movimentações e chegada a novas cidades e/ou novas organizações militares. Não raras às vezes, e sobretudo nos processos iniciais da carreira militar, a relação de apadrinhamento progride para amizade, e interações de proximidade e parentesco no sentido social.

Institucionalizada é também, a ação de proteção de seus membros como se de fato família fosse. A Marinha do Brasil é pioneira no estabelecimento de um sistema de proteção social próprio para os militares e suas famílias, pautado por ações de saúde, educação e assistência social. O Sistema de Assistência Social da Marinha (SiaSM) fundamenta-se pela chamada assistência integrada, sendo estruturado por ações sistemáticas pautadas por planejamento, execução monitoramento e avaliação, tendo caráter descentralizado com cobertura em todo o território nacional com o objetivo de atender à família naval.

A manutenção referida para além de sedimentar os vínculos pessoais de afeto e gratidão dos sujeitos para com a instituição naval reporta também, a estratégia de proporcionar o bem-estar apropriado no contexto dessas instituições como instrumento de manutenção da prontidão militar. Sendo assim, é possível compreender que a prevenção dos rebatimentos de ordem financeira, social e de saúde aos membros da família naval atua, partindo das iniciativas da MB como elemento de retenção dos efeitos de fricção, os quais podem ser entendidos como os elementos que não estão relacionados diretamente as questões operacionais, mas que no campo de batalha podem interferir na *performance* militar (CLAUSEWITZ, 2010).

Portanto, é possível reafirmar que o sentimento de família e as ações voltadas à proteção à família naval na MB atuam como elemento de criação, manutenção e impulsão da coesão institucional considerando que sendo parte da instituição, os militares juram o cumprimento do dever “sob o sacrifício da própria vida”, tendo a convicção que frente a isso suas famílias possuirão retaguarda.

## **5 Considerações finais**

Se a proposta deste artigo se mostrou inicialmente ousada, dadas as particularidades do campo militar é possível compreender que, guardadas as especificidades de cada sujeito e/ou grupos de famílias, esses manifestaram elementos de foro comum na forma de se fazer família militar.

Os depoimentos expressam que escolhidas em um contexto específico, tendo como pano de fundo as situações adversas vivenciadas sem o apoio da família de origem, vigoram como elementos agregadores dos entes da chamada família naval: os laços sustentados e ancorados por sentimentos de camaradagem e solidariedade entre amigos que vivenciam situações assemelhadas; os laços de parentesco são criados a partir de histórias compartilhadas, de assistência mútua e solidariedade difusa e duradoura; seus membros são recrutados endogenamente, mas suas inter-relações não se restringem aos laços pessoais/individuais, sendo extensivas aos seus dependentes. A família naval foi identificada assim, nos discursos partilhados pelos participantes da pesquisa, como o grupo com quem se pode contar.

Direcionando escuta apurada às falas dos cônjuges de militares, em especial das esposas, identificamos que sua participação na chamada família militar pode se dar por origem, vinculada à tradição familiar apropriada por seus pais, tios e avôs, e/ou pode ocorrer por aderência, frente à escolha do matrimônio com profissionais militares. Em ambas as circunstâncias, pudemos apreender que o processo de circulação demandado pelas transferências aponta para possíveis relações adversas, identificadas pelos sujeitos da pesquisa como perdas e ganhos.

No que concerne aos ganhos estes são relacionados pelas participantes, à experiência de vivenciar diferentes contextos e culturas

no território nacional, a oportunidade de interação com diferentes grupos de famílias e a retribuição financeira auferida com o procedimento, via de regra, aplicada em prol do bem-estar familiar.

Relativas às perdas, o distanciamento da família de origem e a estagnação (e/ou reconfiguração) profissional pairam entre os itens citados de forma recorrente, ora com ares de frustração ora com possíveis evidências de superação, esta última reportada pela capacidade de adaptação e resiliência aos desafios enfrentados.

Em se tratando do princípio de “contar com” esse reflete a possibilidade de se pensar em fazer família enquanto empreendimento criativo, enraizado em diversos contextos e temporalidades, produzindo proximidade e distanciamentos, vínculos e rupturas, nos quais conexões são desenhadas em situações relacionais específicas. Ou seja, complexifica-se a ideia de família, para além de uma unidade natural, mas como representação de uma teia, composta por várias relações, nas quais atuam diferentes forças institucionais, envolvendo a participação de diversos personagens (FONSECA, 2008). Considerando que a família pode ser compreendida, sentida e composta por prismas muito diferentes, no caso específico da família militar na Força Naval, essa é perpassada e constituída por componentes que modulam a profissão militar.

Tendo em vista as requisições impostas aos profissionais militares, dentre as quais, a defesa da pátria sob o sacrifício da própria vida é a mais evidente, a conjugação da relação familiar pode ser sentida igualmente na relação da instituição para com os sujeitos que a compõem.

Na Marinha do Brasil é possível identificar, um conjunto de ações inscritas sob o prisma da chamada proteção à família naval, materializadas em iniciativas de prestação de serviços de saúde, assistência social, educação, entre outros, que representam esforços os quais para além de estarem justificados objetivamente pela particularidade da carreira, funcionam como instrumentos de coesão e estruturação de uma unidade entre os militares e seus dependentes expressos, via de regra, não só pelo compromisso destes sujeitos para com a Marinha do Brasil e com a pátria, mas igualmente por uma devoção e sentimento de gratidão desses para com a Força Naval.

## REFERÊNCIAS

ADÃO, M. C. de O. Aspectos da adesão feminina aos valores militares: o casamento e a família militar. **História**, v. 29, n. 2, p. 116-134, 2018.

ATASSIO, A. P. **A escola de sargentos das armas**: um estudo sociopolítico sobre a formação de praças do exército. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) — Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

BELGHITI-MAHUT, S. Le conflit vie professionnelle/vie privée et la satisfaction: le cas des conjoints de militaires navigants. **RIMHE: Revue Interdisciplinaire Management, Homme & Entreprise**, v. 4, n. 18, p. 3-20, 2015.

BÍBLIA, N. T. Livro 2 Timóteo, capítulo 4, versículo 7. In: **SAGRADA Bíblia Católica**: Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008. p. 202.

CARSTEN, J. Introduction: culture of relatedness. In: \_\_\_\_\_. **Cultures of relatedness**: new approaches to the study of kinship. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 05 – 30.

\_\_\_\_\_. A Matéria do Parentesco. **Revista de Antropologia da UFSCAR**, v. 6, n. 2, p. 103-118, 2014.

CASTRO, Celso. **A família militar no Brasil**: transformações e permanências. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

CHINELLI, F. **Mulheres de militares**: família, sociabilidade e controle social. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. Família militar: apontamentos sobre uma comunidade performada. In: CASTRO, Celso. **A família militar no Brasil**: transformações e permanências. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. p. 33 – 52.

CLAUSEWITZ C. V. **Da Guerra**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FONSECA, C. Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco. **Estudos Feministas**, v. 16, n. 3, p. 769-783, 2008.

KROEBER, A. Sistemas classificatórios de parentesco. In: LARAIA, R. (org.). **Organização Social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969 [1909]. p. 25 – 32.

LOBO, A. Entre a casa e o mundo: Pertencimentos e mobilidade na sociedade cabo-verdiana. **Revista Lusotopie**, v. 19, n. 2, p. 285-313, 2020.

MB – Marinha do Brasil. **Anuário Estatístico da Marinha (ANEMAR)**. Rio de Janeiro: Secretaria Geral da Marinha, 2020.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista de História**, n. 155, p. 191-203, 2006.

MOLINA, S. de F. L. **To have army officer sons: a transgenerationality delegation**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2006.

MONNERAT, S. Entre malucos e milicos: etnografia, estereótipos familiares e o papel da mulher nas relações de cuidado. **Illuminuras**, v. 16, n. 38, p. 97-114, 2015.

MURILLO, A. L. Culture of Relatedness. **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016. [s.p.].

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 01 – 21, 1989.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. Sistemas Africanos de Parentesco e Casamento – Introdução. In: MELATTI, J. C. (org.). **Radcliffe-Brown**. São Paulo: Ática, 1978. p. 26 – 41.

RIVERS, W. H. R. A antropologia de Rivers. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, R. (org.). **A Antropologia de Rivers**. São Paulo, Edunicamp, 1991. p. 10 – 27.

SAHLINS, M. **What kinship is-and is not?** Chicago: University of Chicago Press, 2013.

SANTOS, E. A. dos. **Exército Brasileiro: a transformação como valor e o valor da transformação – um estudo da família militar como fator de abertura para a sociedade e de transformação da Instituição**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SARTI, C. A. A família como ordem simbólica. **Psicologia USP**, v. 15, n. 3, p. 11-28, 2004.

\_\_\_\_\_. Famílias Enredadas. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (orgs.). **Famílias, redes, laços e políticas públicas**. 5. ed. São Paulo: Cortez; Coordenadoria de Estudos e Desenvolvimento de Projetos Especiais - PUC/SP, 2010. p. 52 – 63.

SCHNEIDER, D. What is Kinship all about? In: REINING, P. (ed.) **Kinship Studies in the Morgan Centennial Year**. Washington: Anthropological Society of Washington, 1972. p. 23 – 38.

SILVA, C. R. da. Famílias de militares: explorando a casa e a caserna no Exército Brasileiro. **Estudos Feministas**, v. 21, n. 3, p. 861-882, 2013.

SILVA, E. N. P. da.; COSTA, Lívia Alessandra Fialho. Mulheres casadas com militar: anotações sobre dinâmicas conjugais. In: CASTRO, C. **A família militar no Brasil: transformações e permanências**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. p. 56 – 78.